

## **A IMPORTÂNCIA DO LATIM NA ATUALIDADE**

Mário Eduardo VIARO (USP)

**RESUMO:** Este artigo pretende ser apenas um trabalho de divulgação acerca da importância que a língua latina ainda exerce sobre a língua portuguesa. Será dada uma ênfase especial ao ensino do latim, que serve como um ótimo instrumento para entender as irregularidades e as exceções da gramática portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** língua latina, regras gramaticais, composição de palavras.

**ABSTRACT:** This paper intends to be only a popularization work about the important influence of the Latin upon the Portuguese language. A special emphasis will be laid on the Latin teaching, which is useful as an excellent way to understand the irregularities and the exceptions of the Portuguese grammar.

**KEY-WORDS:** Latin language, grammatical rules, word composition.

O latim, como tantas outras coisas de nossa sociedade, é amiúde objeto de polêmica: se, por um lado, grassa o saudosismo daqueles que lastimam a sua exclusão do primeiro e segundo graus, por outro, abundam depoimentos de pessoas “traumatizadas” com a dificuldade que tiveram em aprendê-lo pelo método tradicional. Essas opiniões causam certa apreensão nos alunos de Letras, ao virem que Língua Latina é disciplina obrigatória em sua grade horária. Alguns têm a expectativa de encontrarem uma panacéia para todos os problemas da língua portuguesa, outros esperam algo terrivelmente difícil, quase intransponível. Mas que é o *latim*? Desde o primeiro texto em latim, a Fábula de Preneste, do século VII a.C. o latim desenvolveu-se como qualquer língua, deixando seus traços em autores antigos, os quais conhecemos apenas por fragmentos de suas obras: Lívio Andronico, Névio e Ênio. Mais tarde, aparecerão os textos de Catão e as comédias de Plauto e Terêncio, escritas num latim bastante diferente daquele do séc. I a.C., quando começa a chamada fase clássica da literatura latina: César, Cícero, Ovídio, Horácio,

Vergílio, Catulo. No período pós-clássico vem a narrativa de Apuleio, Pérsio, Juvenal, Marcial, Vitrúvio, Tácito, Petrônio, Plínio, Sêneca e dos autores cristãos: Amiano Marcelino, Lactâncio, Ausônio, Santo Ambrósio, Carísio, Santo Agostinho e na Vulgata, tradução latina da Bíblia, feita por São Jerônimo, cujo estilo inspira toda a Idade Média. Desde Varrão, a língua sofre normatização, reforçada por Quintiliano, Donato, Macróbio, Consêncio, Pompeio, Sidônio Apolinário. Durante toda a Idade Média, o latim adquire o *status* de Língua Universal: as leis francesas são escritas em latim até séc. XVI, as autoridades escrevem tudo em latim: as etimologias de Isidoro de Sevilha; os tratados de música de Boécio; livros de medicina (Marcelo Empírico, Oribásio), de culinária (Apício), de veterinária (Vegeto Renato), de conservação dos alimentos (Ântimo) e sobretudo textos religiosos. Lê-se Aristóteles em sua tradução latina, assim como a Bíblia. No Renascimento, o modelo sintático e de estilo para o desenvolvimento das línguas modernas foi o latim, assim como o esquema gramatical sobre a qual são descritas. Até recentemente, não só as missas, mas as descrições da Zoologia e da Botânica eram todas em latim; os nomes científicos, todavia, ainda o são. E vem sempre a pergunta fatídica: *mas hoje para que serve o latim?* Costumo dizer que isso não é pergunta que se faça, mas já que é feita, perguntas são para ser respondidas. Em nosso século, em que imperam a eletricidade e a velocidade, parece de fato estranho e até anacrônico, à primeira vista, o estudo do latim. Qual a utilidade de uma língua morta, que requer atenção, dedicação e esforço? Em que isso vai ajudar a mudar minha vida, fazendo-me galgar posições mais elevadas da sociedade? Tudo depende de como se encara o problema. Com o latim aprenderemos a compreender melhor o nosso idioma, que contém mistérios interessantíssimos. O latim serve-nos de trampolim para mergulhos mais profundos na nossa visão de mundo, no nosso modo de pensar, na nossa vida. Aquele que entende bem a mensagem que o latim passa em seus textos se questionará melhor e verá que antes de nossos valores, havia outros, muito distintos, mas perfeitamente coerentes, que merecem nossa admiração e respeito. Longe de ser retrógrado, o estudo do latim associado ao estudo da vida social em Roma nos faz vislumbrar quanta coisa mudou e quanta coisa ainda continua surpreendentemente do mesmo jeito que era, muitas vezes apenas com os nomes trocados. Sim, porque o que se herdou do Império Romano ao longo

desses vinte e sete séculos de uso do latim escrito não foi pouco. Resumindo, eu responderia à pergunta do título com uma outra pergunta: por que *não* estudar o latim?

Além disso, de língua morta o latim não tem nada. Vejam, por exemplo, quantas expressões são usadas em Direito. Quem nunca ouviu falar de *habeas corpus*? de *alibi*? de *data venia*? O latim não está de forma alguma morto, está no nosso dia-a-dia: quem nunca mandou um *curriculum vitae*? Quem nunca ouviu falar de renda *per capita*? Ou pensou em fazer uma pós-graduação *lato sensu*? Ou ouviu que alguém é doutor *honoris causa*? Quem nunca fez um *P.S.* ao fim de uma carta? Ora, isso também é latim: *post scriptum*. Essa antiga língua de Roma está nas tecnologias mais modernas, está na fecundação *in vitro*, nas invenções mais recentes: está, por exemplo, no *fax* (abreviação de *fac simile*, que significa “faça de maneira semelhante”, não é isso que faz o *fax*?). Mesmo muitas palavras importadas do inglês remontam ao latim: na Informática usa-se o verbo *deletar*, do inglês *to delete*, que vem, por sua vez, do verbo *deleo* em latim, que significa “destruir”. De tão entranhado na nossa língua, o latim até se confunde com ela: *idem* é latim, a expressão *grosso modo* também (por isso, é errado dizer “a grosso modo”), o *supra sumum*, o *et caetera*, até a expressão *vulgo*, quando dizemos José Carlos *vulgo* Zeca. E há muito, muito mais: expressões como *a priori*, *alter ego*, *causa mortis*, *ex libris*, *exempli gratia*, *Homo sapiens*, *in continenti*, *in loco*, *ipsis litteris*, *lapsus linguae*, *modus vivendi*, *mutatis mutandis*, *pari passu*, *persona non grata*, *ad hoc*, *sine qua non*, *scilicet*, *sic*, *status quo*, *carpe diem*, *sui generis*, *ab imo pectore*, *tabula rasa*, *vade mecum*, *vade retro*, *Aedes aegypti*, só para citar as mais comuns, dão um sabor todo especial à redação de um texto e — por que não? — à fala, sem falar de provérbios como *alea jacta est*, *cogito ergo sum*, *mens sana in corpore sano*.

Portanto, aprender ou não o latim não é a questão. Ele já convive conosco, pois é a alma de nossa língua e bastaria reconhecê-la. Com o latim, vemos que as irregularidades e as temíveis exceções das gramáticas não são nem irregulares, tão pouco exceções. Tudo passa a ter uma lógica mais clara e previsível. Se já conhecemos bastante latim, por que não saber mais? Ampliando ou aprimorando nosso vocabulário, não nos destacamos? Está respondida a pergunta daquele que quer mudar sua posição social.

Mas não só do latim fez-se nossa língua: algum conhecimento do grego, assim como do tupi, faz-nos vislumbrar de muito perto aquilo que Platão chamava de “a verdade da palavra”, isto é, seu *étimo*. Assim a palavra “comer” vem do latim *comedere*, o que pode ser indicado em gramática histórica desta forma: *comedere* > *comer*. Portanto, o *étimo* de *comer* é *comedere*, que significa em latim, “comer junto com outras pessoas”. Muitas palavras que conhecemos têm relação direta com outras, do latim, mas às vezes é preciso colocá-las lado a lado e não é raro termos alguma surpresa: *volare* é o verbo latino para “voar”. Sua relação direta com o português é flagrante, uma vez que *volare* > *voar*, com a perda do *-l-* entre vogais e do *-e* final, como em tantas outras palavras: *dolorem* > *door* > *dor*; *colorem* > *coor* > *cor*. Mas o radical latino VOL, com o *l*, não sumiu, antes pode ser encontrado em outras palavras. Por exemplo, quando dizemos que o álcool é um líquido *volátil*, queremos dizer que *ele pode voar*. Já viu o que acontece com a garrafa de álcool quando fica destampada?

*Aquila* aparece na palavra portuguesa “águia”, com a mesma perda do *-l-* e a transformação *q* > *g* (assim como *aqua* > *água*) são previsíveis, contudo o radical antigo, AQUIL, é encontrado quando dizemos que alguém tem o nariz *aquilino*, isto é, em formato de bico de águia. *Nato*, ou melhor, o infinitivo *natare* aparece em português como *nadar*, com queda do *-e* final e transformação regular *t* > *d*. Por que será que a prática esportiva na qual se nada é a *natação* (com *t*) e não a “*nadação*”? Por causa do radical latino NAT. Agora também fica fácil entender o adjetivo *natatório* “que serve para nadar”. *Laborare* originou o verbo *lavar* em português, donde *lavrador*, *lavradio*, *lavoura* etc. O radical LABOR, porém, aparece em muitas palavras: *laboratório* “local onde se trabalha”, *laborioso* “trabalhoso” ou ainda, com o auxílio de prefixos *colaborar* “trabalhar com (alguém)”, *elaborar* “preparar algo, trabalhando” entre outros. Em vez de dizer prolixamente “tive de fazer o trabalho de novo”, a frase fica mais precisa se dissermos “tive de reelaborar o trabalho”.

O radical de *dominus* “senhor” se vê facilmente em *dominar*, *domínio*, *dominação*, *condomínio*. No entanto, o desgaste do tempo torna as palavras pouco reconhecíveis. *Domina* “senhora” se transformou em *dona* e seu diminutivo popular *dominicella* em

*donzela*. Também o adjetivo *dominicus* “do senhor”, nome a que Constantino atribuiu o primeiro dia da semana, tornou-se *domingo*.

Do mesmo radical de *expectare* “esperar” temos *expectativa*. A palavra *stella* “estrela” se diz *estrela*, com R, mas o coletivo de estrela é uma *constelação* e uma viagem entre as estrelas é uma viagem *interestelar*. Também há o nome próprio *Maristela*, do latim *maris stella* “estrela do mar”. O verbo “ver” em latim se diz *video*, cujo radical se encontra em *videoteipe* mas também em *vidente* “que vê”, *previdência* “ato de ver antes de algo acontecer”, *evidente* “algo que todos vêem”. Como *video*, conhecemos hoje o verbo *audio* “ouvir”, presente no radical de *audição*, *auditivo*. “Asa” se diz *ala*, daí dizer de um cavalo *alado*, isto é, “com asas”. *Voro* significa “devorar” e está hoje no radical de *voraz*.

*Magistra* “professora” originou as palavras *maestra* e *mestra*. Do mesmo radical temos: *magistério*, *magistral*. *Nauta* “marinheiro” está presente, por exemplo, em *astronauta* “navegador dos astros”. Do radical DISC, do verbo *disco* “aprender”, que vemos em *discípulo*, tiramos corpo *discente*, grupo de alunos. Por isso *discente* se escreve com SC e não com SS. Da mesma forma, *docente* se escreve com C, pois vem do latim *doceo*, que significa “ensinar”. *Agricola*, no latim, é quem mora no campo (*ager*), assim como *silvícola*, no português, é quem mora na selva (*silva*). Observem quantas palavras têm esse radical AGR: *agrário*, *agricultor*, *agricultura*.

Quantas palavras há no dicionário, esperando para que as usemos? *Sollertia* “habilidade” em latim também aparece no português *solércia* (ou no adjetivo *solerte* “esperto, sagaz”). O radical de *vitupero* “repreender, ofender” aparece em muitas palavras: *vituperar*, *vitupério*, *vituperável*, *vituperioso*, *vituperador*. Também *puella* “menina” aparece no adjetivo português *puelar* “relativo à mocinha”. Muitas palavras até então desconhecidas passam a ter sentido logo nas primeiras aulas de latim, seja nos textos do dia-a-dia, seja na Literatura: *columbino*, *columbicolor*, *columbário*, *ranário*, *ciconiforme*, *sédulo*, *ancilar*, *lunático*, *impugnar*, *expugnar*, *pugnaz*, *repugnante*, *bialado*, *coronária*, *obtemperar*, *sapiência*, *muscívoros*, *magnânimo*, *laudatório*, *déia*.

Em latim, as preposições juntam-se também aos verbos, transformando-se em prefixos. O sentido básico é mantido, mas adquire uma precisão incrível:

**Volo** “voar”

**Curro** “correr”

**Advolo** “voar para perto de”

**Accurro** “correr para perto de”

**Avolo** “voar para longe de”

**Acurro** “correr para longe de”

Observe que, às vezes, ocorre a assimilação de consoantes, ou seja, duas consoantes diferentes se tornam iguais como em *ad+curro* > *accurro* assim como *sub+curro* > *succurro* “correr para baixo (para amparar, logo, para socorrer)”. Alguns derivados mudam de sentido, assim: *voco* significa chamar (mesmo radical de *vox*, *vocis* “voz”, presente em *vogal*, *vocativo*, etc.): *advoco* é “chamar para perto”, daí *advocatus*, “o que foi chamado para perto (a fim de ajudar), isto é o *advogado*; *invoco* “chamar para dentro”, donde *invocar*; *provoco* “chamar para a frente (a fim de brigar)”, donde *provocar*...

Mais exemplos:

**Cado** “cair”

**Rapio** “pegar, roubar”

**Incido** “cair dentro”

**Corripio** “pegar tudo junto”

**Decado** “cair do alto”

**Surripio** “pegar por baixo (do pano)”

Observe que, juntamente com a prefixação há a apofonia, ou seja, uma modificação da vogal (*cado* > *-cido*; *rapio* > *-ripio*) além da assimilação já vista (*com+rapio* > *corripio*; *sub+rapio* > *surripio*).

Também entender o mecanismo da prefixação, da apofonia e da assimilação são essenciais para relacionar palavras do português a suas raízes latinas:

**Capto** “pegar, tomar”

**Excepto** “tomar para fora => retirar” (observe a apofonia *capto* > *-cepto*)

Desse verbo vem o substantivo *exceptio* “ato de retirar”, donde o português *exceção* (cf. inglês *exception*). Que é a *exceção* senão “retirar (de dentro de uma regra geral)”?

Isso explica por que “exceção” não se escreve com SS. A seqüência *ti* em latim transformou-se em *ç* no português.

Um exemplo:

“Sessão” vem de *sessio*, do verbo *sedeo* “estar sentado”. Que fazemos numa *sessão de cinema*? Do mesmo radical SED temos a *sede* (com *é* aberto), que originalmente significa um local onde se pode sentar. Também a mesma palavra *sede* se transformou em *Sé*. Que dizer de uma pessoa *sedentária*? Não é aquela que não se movimenta, isto é, que só fica sentada? Quem *preside* é, do ponto de vista etimológico, aquele que se senta à frente dos

outros (em latim *praesido*, com apofonia), donde a palavra *presidente*. Observe que em *sessão*, o radical SED passa para SESS. A transformação D > S dos participios latinos ocorre em muitos casos do português, por isso temos: *ofender* - *ofensa*, *pretender* - *pretensão*, *compreender* - *compreensão*, *ascender* - *ascensão*, *reprender* - *repreensão*. A palavra *sessão* aparece também em *obsessão*, que era o ato de estar sentado, atrapalhando a passagem de outros, donde a idéia de obstinação (esse mesmo prefixo *ob-* ainda se vê em *obcecado* “que tem algo que impede enxergar”, do radical *caecus* “cego” e *obstar* “estar de pé impedindo a passagem”).

“Cessão” vem de *cessio*, do verbo *cedo* “ceder, dar”. Daí dizer de uma *cessão de direitos*. Observe, como dito acima, que o radical CED passa para CESS (lembre-se: em latim CE se lia KE). Desse verbo temos *conceder* “dar tudo junto” e derivados como *concessão*. Não confundir esse verbo *cedo*, com outro, homônimo, que significa “andar”, donde temos muitos derivados: *proceder* é “ir à frente” (donde, *processo*, *procissão*), *retroceder* é “ir para trás” (donde, *retrocesso*), *exceder* é “ir para fora, transbordar” (daí *excesso*, *excedente*, *excessivo*).

“Seção” (ou na forma erudita “secção”) vem de *sectio*, do verbo *seco* “cortar”. Que é uma *seção* senão um departamento, uma parte cortada de um todo? Assim, no supermercado temos a *seção de frios*, numa loja a *seção de roupas femininas*. O radical SEC é visível em *dissecar* “cortar em todas as partes” ou na matemática, na *secante*, aquela reta que *corta* a curva. Veja que nessa palavra ocorreu o mesmo que em “exceção”: o *ti* latino se transformou em *ç* (sobretudo nos sufixos nominalizadores *-ição*, *-ação*) ou em *z*, no português. O paralelo Z-Ç aparece em muitas palavras derivadas do latim: *induzir* - *indução*, *deduzir* - *dedução*, *reduzir* - *redução*, *traduzir* - *tradução*. Às vezes também há exemplos de T-Ç: *secretar* - *secreção*, *perfeito* - *perfeição*, *isentar* - *isenção*, *cantar* - *canção*.

Mais uma utilidade do latim: sabendo as etimologias, dificilmente cometemos erros de ortografia!

Por último, as muitas formas nominais dos verbos latinos (participios presente, passado e futuro, gerúndios, supinos e gerundivos) são fonte inesgotável de derivações. Assim, o verbo *canere* “cantar” tem o participio passado *cantus* “cantado”, de cujo radical CANT

saiu o verbo *cantare*. Do mesmo radical temos *accentus* “acento”, resultado de prefixação e apofonia: *ad+cantus* “que acompanha o canto, ou seja, a melodia da fala”. Da mesma forma *capio* “pegar” (ainda vivo no italiano *io non capisco* “não entendo”, literalmente “não pego o que você diz”) tem particípio passado *captus*, donde o verbo *captar*. Ou ainda, no mesmo caminho o verbo latino *rapio* “roubar” e o português *raptar*. Menos evidentes, os verbos irregulares oferecem duplicidade etimológica: assim *refero* “levar para trás” passou ao português como *referir*, e seu particípio passado *relatus* “aquilo a que se refere” gerou o substantivo *relato* e o verbo *relatar*. Alguns verbos não parecem, à primeira vista, com nada do português, como *tango* “tocar”, mas seu particípio passado *tactus* tem raiz mais familiar: o *tato* é o sentido do toque, *intacto* é aquilo que não foi tocado, *tatear* é mover-se tocando em coisas, para não falar de *contato*. Que dizer de *tangente*, aquela reta que toca a curva, ou da palavra *intangível*? O mesmo podemos dizer de *frango* “quebrar”, cujo sentido só é visível talvez em *frangalhos*, mas cujo particípio passado *fractus* tem vida maior: *fratura* “quebradura”, *frágil* “fácil de quebrar”, *fração* “número quebrado”. Aliás, *infração* é a “quebra das normas”, do verbo *infringir*, que vem de *infringo* “infringir”, ou seja, *in+frango*, com apofonia! O verbo *alo* significa “alimentar”, donde o particípio passado *altus* “alimentado”, daí o sentido atual de *alto*...O verbo latino *caedo* significa “cortar”, cujo particípio passado é *caesus*. Deste radical temos *Caesar* “César”, nome próprio que se converteu em título não só em Roma: *Kaiser*, na Alemanha e *Czar* na Rússia. Mas *Caesar* significa “o que foi cortado”, pois nasceu da operação conhecida como *cesariana*. O latim ainda nos ajuda a entender as irregularidades do português. A primeira pessoa do singular do verbo *precaver* não é “*precavejo*”, muito menos “*precavenho*”, pois o verbo não é derivado nem de *ver* nem de *vir*, mas do latim *caveo* “tomar cuidado”, isto é, *praecaveo* “tomar cuidado antes”. O particípio passado de *caveo* é *cautum*, donde *cautela*, *acautelar-se*, *incauto*, *cauteloso*, entre outros. O supino do verbo *fallo* “mentir” é *falsum*, isto é, “falso”, mas o radical do presente ainda se vê em *falácia*. O verbo *maneo* “ficar, permanecer” tem o supino *mansum*, de onde vem a palavra *manso*, ou seja, aquele que fica no lugar, que não reage. Semelhantemente temos *quietum*, supino de *quiesco* “descansar”. O particípio passado de *pungo* “picar” é *punctus*, ou seja, o *ponto* de uma picada de inseto. Já o particípio presente do mesmo verbo é *pungens*, *pungentis* “que pica”, daí dizermos que



uma dor é *pungente*. O verbo *careo* significa “não ter”, donde o particípio presente *carens*, *carentis* “aquele que não tem”, isto é, o *carente*. Do supino do verbo *repto* “rastejar” temos *reptum*, por isso dizemos que a serpente, por rastejar, é um *réptil*; aliás, *serpente* é o particípio presente *serpens*, *serpentis* do verbo *serpo*, que é um sinônimo de *repto*. Os verbos originais escondem um sentido que se evidencia nas formas nominais: de *clepo* “roubar” reconhecemos o particípio *cleptum*, na palavra *cleptomaníaco*; *salio* não parece significar “saltar”, até que vejamos o supino *saltum*; nem *sepelio* parece significar “enterrar” até que conheçamos o particípio presente *sepultus*, que lembra *sepultar*; nem *taceo* lembra “calar-se” até que encontremos o particípio *tacitus*, donde provém a palavra portuguesa *tácito*, isto é, “sem palavras”. O verbo *rideo* “rir” tem o supino *risum*, donde o português *riso*, mas o radical RID é visível em *ridículo*, aquilo do qual se ri. Do verbo *cado* “cair” nasce a expressão *estrela cadente*, ou seja, estrela que cai, como de *decado* “cair do alto” temos *decadente* “que cai de uma posição social alta”. O verbo *ago* “fazer”, tem particípio presente *agens*, *agentis* “aquele que faz”, por isso na gramática temos o “agente da passiva”. O mesmo verbo *ago* tem particípio passado *actus*, donde vem a palavra *ato*, isto é, o que foi feito. Do neutro plural do mesmo particípio passado temos *ata* “as coisas que foram feitas” e do gerundivo temos *agenda*, isto é, “as coisas que devem ser feitas”. Também do gerundivo temos *propaganda* “as coisas que devem ser propagadas”, *oferenda* “o que deve ser oferecido”, *merenda* “o que deve ser dado a quem merece”.

Concluindo, o latim possibilita-nos aprender melhor outras línguas. Assim, o verbo *absum* “estar ausente” tem o particípio presente *absens*, *absentis* “o que está ausente”: em inglês, temos *absent* “ausente”. O verbo *caleo* significa “aquecer” e seu particípio presente é *calens*, *calentis* “o que está aquecido”, donde espanhol *caliente* “quente”. O verbo *exeo* “sair” tem particípio passado *exitus*, de onde veio o inglês *exit* “saída”. Também *transfero* “levar para o outro lado” gerou o verbo *transferir* em português, enquanto seu particípio passado irregular *translatus* criou o verbo em inglês *to translate* “traduzir”, isto é, “transferir de uma língua para outra”. O verbo *deleo* “destruir” parece-nos mais familiar quando vemos seu particípio passado: *deletus*, donde vem o inglês *delete* e daí o nosso *deletar*... Não é incrível que o português, sendo uma língua vinda do latim, tenha de emprestar palavras do inglês, que é uma língua germânica, para se relatinizar?

Depois de tantos exemplos, não é difícil concluir que a importância da língua latina hoje não diminuiu em nada ao longo dos tempos. Ela continua sendo o cerne de nosso idioma e a principal chave para a compreensão dele. Sem a base latina chegaremos à conclusão de que o português é uma língua com muito pouca produtividade do ponto de vista das raízes, o que não é verdade. Na década de 50, o professor de Filologia Românica Maurer Jr. (1951), respeitado internacionalmente pelos especialistas de sua área, já havia defendido a tese de que o latim servira, durante toda a Idade Média, como elemento principal de uniformidade entre as línguas do Império Romano Ocidental. Conhecer sua estrutura e seu funcionamento, a produtividade de suas raízes, de seus prefixos e sufixos, faz-nos deslindar melhor o verdadeiro significado das palavras em português, isto é, seu *étimo*. Facilita, além disso, na aprendizagem de outras línguas românicas: espanhol, francês, italiano, romeno. O inglês, apesar de não ser derivado do latim, participou da mesma força unificadora. Mesmo línguas distantes, como o alemão e o russo não se revelaram indiferentes ao latim. Em latim, o comandante se diz *dux*, donde o português *duque*, o italiano *duce*, o veneziano *doge*. Ora *dux* vem do verbo *duco* “aquele que puxa, isto é, que conduz”. O mesmo se vê, como empréstimo, no inglês *duke* e, por decalque, no alemão: *Herzog* “aquele que puxa (radical do verbo *herziehen*)”, donde, “duque”. Do alemão, o mesmo decalque foi para o húngaro, que nem língua indo-européia é! Outro exemplo, em latim temos *includere* e *excludere*, respectivamente em português “fechar por dentro à chave, incluir” e “deixar trancado para fora, excluir”. Ora o radical CLUD é apofonia de CLAUD “fechar”, mesma raiz de *clavis* “chave”. O alemão moldou dois verbos traduzindo essas duas idéias por meio do decalque: *einschliessen* “incluir” e *ausschliessen* “excluir”, com o seu radical SCHLIESS “fechar” e com os prefixos *ein-* e *aus-*, correspondentes aos *in-* “dentro” e *ex-* “fora” latinos. O russo fez o mesmo: *vključit’* e *isključit’* com o radical KLJUČ “chave” e com seus prefixos equivalentes *v-* e *is-*! Também a palavra *miser cordia* foi decalcada pelos alemães como *Barmherzigkeit*, que traduz os elementos da composição, a saber: *miser* “coitado” (alemão *erbarmen*) + *cor, cordis* “coração” (alemão *Herz*) e sufixo *-ia*, para substantivos abstratos (alemão *-igkeit*). Conscientes disso, muitas vezes, entre os maiores estudiosos de língua latina, encontramos pessoas cuja língua materna aparentemente não tem uma relação direta com o latim, como os alemães e os finlandeses! Como explicar então o descaso que

presenciamos para com a língua que é a base da língua portuguesa, justamente no país que tem a maior população de fala românica do mundo, que é o Brasil? Só mesmo o imediatismo, tão freqüente na visão-de-mundo brasileira, pode explicar que o ensino do latim continue visto como desnecessário para o ensino do português, tão ausente e distante ele parece estar das necessidades mais prementes da Sociedade. Os métodos antigos em muito pecaram, dando ao ensino do latim o caráter penoso das infinitas tabelas a serem decoradas pelo aluno, que, por sua vez, não via sentido naquilo. Muitas vezes até textos inteiros tinham de ser decorados. Não querendo tirar o mérito dessa metodologia, que, por seguro, ajudava em muito a desenvolver a memória dos alunos, acredito que atualmente a postura é outra: é preciso revitalizar o valor que o latim tem como um ótimo meio para aguçar a percepção etimológica das raízes do português (e de outras línguas, como visto acima), o exercício da análise sintática, o raciocínio lógico, a ampliação de vocabulário e a curiosidade para entender outros momentos históricos e o desenvolvimento das sociedades e do pensamento até os dias de hoje. As conseqüências, num segundo momento, aparecerão na compreensão mais clara da ortografia portuguesa, na solução lógica das flexões irregulares e das exceções, no questionamento da nomenclatura tradicional e no vasto repertório histórico-filosófico que o aluno adquirirá, estando, assim, pronto para estabelecer suas próprias analogias e defender seus pontos de vista com mais clareza.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- FARIA**, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro, MEC, 1962.  
\_\_\_\_\_. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1958.
- GAFFIOT**, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris, Hachette, 1934.
- MAURER Jr.**, Teodoro H. *Unidade da România Ocidental*. São Paulo, s/e, 1951.
- RÓNAI**, Paulo. *Curso básico de latim. Gradus Primus*. São Paulo, Cultrix, 1995.  
\_\_\_\_\_. *Curso básico de latim. Gradus Secundus*. São Paulo, Cultrix, 1995.
- TEYSSIER**, Paul. *História da língua portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa, 1990.